



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA**

***She Comes in Colors: Relato de Experiência de um Homem Pró-feminismo no Heavy
Metal***

Trabalho de Conclusão de Curso

Kevin Rolim Mossate

Santa Maria, RS

2021

She Comes in Colors: Relato de Experiência de um Homem Pró-feminismo no Heavy Metal

Kevin Rolim Mossate

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Psicólogo**.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriane Roso

Santa Maria, RS

2021

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Psicologia

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova O Trabalho de Conclusão de Curso

She Comes in Colors: Relato de Experiência de um Homem Pró-feminismo no Heavy Metal

elaborado por
Kevin Rolim Mossate

como requisito parcial para obtenção do grau de
Psicólogo

COMISSÃO EXAMINADORA

Adriane Roso (Presidente/Orientadora)
(Dr.^a em Psicologia, UFSM)

Maria Luiza Leal Pacheco (banca examinadora)
(Mestra em Psicologia Social, SOBRESP)

Letícia Chagas (banca examinadora)
(Psicóloga, Especialista em Rede de Atenção Integrada em Saúde Mental)

Santa Maria, 11 de fevereiro de 2021.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Universidade Federal de Santa Maria
Curso de Psicologia

She Comes in Colors: Relato de Experiência de um Homem Pró-feminismo no Heavy
Metal

Discente: Kevin Rolim Mossate
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriane Roso

Data e Local da Apresentação: Santa Maria, 11 de fevereiro de 2021.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as relações de gênero no contexto do Heavy Metal, bem como sua interação com o movimento feminista e a função deste na mudança do Metal. Na forma de relato de experiência, enlaçado com aspectos teóricos, particularmente com a perspectiva crítica da psicologia social, em diálogo com os Estudos Feministas e a Cultura Material, são trazidas experiências e fotografias, de modo a apresentar a materialidade da experiência de um apreciador do gênero musical em questão, homem cisgênero apoiador do movimento feminista, praticante musical e futuro psicólogo.

Palavras-chave: música; heavy metal; psicologia social crítica; feminismo.

ABSTRACT***“SHE COMES IN COLORS”: EXPERIENCE REPORT OF A
PRO-FEMINISM MAN IN HEAVY METAL***

AUTHOR: Kevin Rolim Mossate
SUPERVISOR: Prof.^a Dr.^a Adriane Roso

This study has the purpose of reflecting about the gender relations in the context of Heavy Metal as well as its interaction with the feminist movement and its influence in the changes in the metal scene. It was written as an experience report, built upon theoretical aspects, particularly the critical perspective of Social Psychology while dialoguing with feminist studies and materialism culture, the study presented photographs and life experiences as a way of putting into perspective the materiality experience of an individual who is fond of the cited musical genre, a cisgender man who supports the feminist movement, a musical practitioner and as a future psychologist.

Keywords: Music. Heavy Metal. Critical Social Psychology. Feminism.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Iniciando(me) na música: Meu primeiro objeto instrumental	12
Figura 2 - Identificando(me): Barulho, berros e boa música	14
Figura 3 - Socializando(me): Lidando com a adolescência	15
Figura 4 - Feminismo: Estranhamentos do mundo	16
Figura 5 - Materialidade: Instrumentos do meu desenvolvimento	20
Figura 6 - Chaveiro-Guitarra 1	22
Figura 7 - Chaveiro-Guitarra 2	23
Figura 8 - “Carta” de Aniversário	

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	8
<i>1 RELATO DE EXPERIÊNCIA - O começo de um homem, músico, psicólogo</i>	12
<i>2. HEAVY METAL</i>	18
<i>2.1. Materialidade: baterias, guitarras, trechos e tarecos</i>	19
<i>4. ADOLESCÊNCIA E SOCIABILIDADES</i>	25
<i>5. SOBRE O(S) FEMINISMO(S): ESTRANHAMENTOS DE UM MÚSICO? HOMEM? ESTUDANTE?</i>	28
<i>5.1 Homem pró-feminismo</i>	30
<i>5.2 Feminismo e Heavy Metal</i>	32
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	35
<i>REFERÊNCIAS</i>	37

“She comes to me in waves of shock until I'm drained
 I accept her orders, I accept her pain
 Until tomorrow, follow the sun
 Until tomorrow, she comes in colors”
 (Nevermore, She Comes in Colors)

INTRODUÇÃO

Abro este trabalho com alguns versos da música *She Comes in Colors*, da banda Nevermore, em virtude das várias possíveis interpretações sobre seu significado. Mulheres que nos fazem sentir como o que está posto na letra da música, mulheres que lutam e sentem o que é cantado e, também, a interpretação que por ora faço entre seu conteúdo e minha trajetória enquanto homem cada vez mais em contato com ideais feministas. Primeiro, o choque das reivindicações; depois, o entendimento e aceitação das demandas, dores e batalhas feministas; por último, a luz do sol que norteia a luta nesta vasta escuridão trazida pelas nuvens patriarcais que nebulam os céus da sociedade ocidental.

A música é um canal artístico pelo qual o ser humano pode expressar sentimentos e ideias, dotada de grande potencial transformador da sociedade e também por sua relação íntima tanto com o próprio autor quanto com o ouvinte, e pode ser uma ferramenta de grande importância para análises e estudos de aspectos sociopolíticos da sociedade.

Objeto de estudo deste trabalho, o Heavy Metal é um subgênero do Rock, caracterizado pela presença de melodias saturadas de distorção, extensos solos de guitarra e um volume alto, em termos gerais (Noyer, 2003 apud Doucette, 2018). Pejorativamente chamado de “música do diabo”, o Heavy Metal tem largas vias de diálogo com o feminismo, a exemplo da alegada associação com o principal antagonista da narrativa cristã, o diabo. Desde pelo menos a baixa idade média, mulheres que buscam se livrar das opressões do patriarcado são perseguidas, rotuladas de bruxas por suas “ofensas” ao *deus-pai*, *possuídas pelo demônio* e escrutinadas em busca de algo que justifique a sua discriminação pela sociedade. Situações semelhantes acontecem com o Metal quando, deliberadamente ou não, é usado de bode expiatório para mascarar os efeitos de uma ideologia conservadora, como aconteceu com o *Satanic Panic*¹ na

década de 80 ou no massacre na escola de Columbina².

Além das afrontas ao *pai-do-céu*, feminismo e Heavy Metal também se encontram na construção de espaços sociais de amparo e desenvolvimento de sujeitos. Apresentando narrativas ora semelhantes, ora distintas, estes sujeitos se unem em seus sentimentos de não-pertencimento, inconformidade e vontade de mudar o panorama onde a vida pública e cotidiana se desenvolve. Entretanto, por mais que o desejo de mudança seja representado em letras, vídeos e no vestuário do *headbanger*³, muitos dos valores conservadores aos quais o Metal se opõe são reproduzidos por apreciadores e artistas, sejam estes homens ou mulheres.

Ainda que apenas uma pequena parcela da sociedade se identifique com a estética e os valores representados no Heavy Metal, hoje estes *headbangers* se espalham por todos os continentes, tornando o Metal mais diversificado do que nunca; e junto desta diversificação vêm os questionamentos aos valores arcaicos ainda representados no movimento, como o machismo. A internalização do machismo como parte integral do Heavy Metal (e por parte de seus apreciadores) parece vir da combinação de alguns fatores, como a misoginia já dominante na sociedade patriarcal com sujeitos em busca de um senso de identidade e identificações, potencializados pelos afetos e experiências de grupo que a música proporciona.

Entretanto, mesmo que as raízes do movimento sejam carregadas de sexismo, outras partes do espectro da sexualidade humana emergem no Metal. Homens exageradamente maquiados, o culto ao corpo masculino (em contraste à fetichização do corpo feminino) e, em certas instâncias, a sensualização masculina exacerbada⁴, denotam formas “sublimadas” de contato com aspectos negligenciados da sexualidade heteronormativa. Assim, o Metal acabou por reforçar dentro da própria cena os mesmos valores discriminatórios há muito presentes na cultura popular.

Ainda é fácil encontrar *headbangers* que reproduzem estes valores arcaicos, bem como outros ideais contraditórios ao próprio movimento enquanto manifestação de contracultura, como o racismo⁵. Estas presenças antiquadas que ainda resistem e mancham o Heavy Metal denunciam

<https://www.heavyblogisheavy.com/2016/11/30/satanic-panic-americas-war-on-heavy-metal-in-the-1980s/>

²

<https://revistamonet.globo.com/Musica/noticia/2017/09/marylin-manson-revela-que-massacre-na-escola-de-columbine-nos-eua-quase-arruinou-sua-carreira.html>

³ Headbanger é um termo utilizado em referência aos apreciadores do Heavy Metal, assim como *metalhead*.

⁴ <https://www.loudersound.com/features/dude-looks-like-a-lady-the-power-of-androgyny-in-metal>

⁵ <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2021/01/10/robb-flynn-ameacas-racismo/>

a estrutura discriminatória sob a qual muitos jovens crescem, mesmo dentro de um ambiente onde deveriam sentir-se seguros e amparados, e o beco sem saídas emocionais ao qual seus perpetuadores se destinam.

O acesso facilitado à internet e à tecnologia, desfrutado por boa parte do mundo, garante que os movimentos contrários a estes valores antiquados tenham maior visibilidade do que outrora. Se antes os movimentos dependiam da cobertura da grande mídia e de muito esforço dos integrantes para disseminar suas ideias, hoje existem coletivos de artistas e bandas que divulgam suas músicas de resistência em várias plataformas de *streaming*⁶ musical, potencializando a transformação da sociedade pela sua arte. Se por um lado o Metal foi disseminado como um espaço sexista, um refúgio do homem para o homem (branco), hoje é possível ver bandas lideradas por pessoas trans, grupos formados inteiramente por mulheres e grandes artistas do gênero se opondo abertamente à discriminação por gênero, sexualidade ou cor da pele dentro da música extrema.

Com tal cenário em vista, este trabalho busca refletir sobre as relações de gênero no contexto do Heavy Metal, bem como sua interação com o movimento feminista e a função deste na mudança do Metal de um ambiente discriminatório para um espaço igualitário e de resistência; na forma de relato de experiência, enlaçado com aspectos teóricos, particularmente com a perspectiva crítica da psicologia social, em diálogo com os Estudos Feministas e a Cultura Material. Também serão trazidas fotografias, de modo a apresentar a materialidade da minha experiência.

Para esta reflexão, a Psicologia Social Crítica traz um entendimento que rompe com visões mais rígidas e institucionalizadas sobre o desenvolvimento humano, pois percebe “o ser humano como um agente histórico-social. Isto é, que não se ‘desenvolve’, no sentido evolucionista que a palavra pode trazer, mas que está em constante construção/fabricação” (Berni & Roso, 2014, p.127). Para uma visão mais compreensiva da experiência de adolescer e praticar música, a interpretação da Psicologia Social Crítica vem somada a uma análise dos objetos e artefatos que compõem a vida cotidiana pela ótica da Cultura Material; esta, conforme aponta o antropólogo Daniel Miller, compreende que muito do que nós somos existe não pela nossa consciência ou corpos, mas como um ambiente externo por onde habitamos (Miller, 2005,

⁶ Streaming é uma tecnologia que permite a visualização de conteúdos visuais ou auditivos sem a necessidade de ter o conteúdo armazenado no dispositivo.

p.5, tradução nossa).⁷ A fim de ilustrar certos aspectos críticos da cultura do Heavy Metal e da construção do sujeito em sociedade, serão utilizadas teorias dos Estudos Feministas, tendo em vista que “gênero é onipresente na condição humana. Ele tem um papel imperativo na formação do contexto de situações sociais, particularmente quando analisando a cultura” (Doucette, 2018, p.3, tradução nossa)⁸

Este relato será apresentado na forma de segmentos, de forma a manter um fluxo temporal na narrativa, em diálogo com fotos que separam cada segmento e ilustram certos momentos da minha trajetória.

⁷ No original: Such a perspective seems properly described as "material culture;" since it implies that much of what we are exists not through our consciousness or body, but as an exterior environment that habituates and prompts us.

⁸ No original: Gender is omnipresent in the human condition. It plays an imperative role in forming the context of social situations, particularly when analyzing culture.

1 RELATO DE EXPERIÊNCIA - O começo de um homem, músico, psicólogo

Link:

<https://drive.google.com/file/d/19a0ugr8VERLtcVbgYdk1gLKv-Kdz8gQH/view?usp=sharing>



Figura 1– Iniciando(me) na música: Meu primeiro objeto instrumental

Autoria da Foto: Andressa Mossate Pereira

Foi aos meus 3 ou 4 anos que minha relação com música começou; ou melhor dizendo, com a prática musical. Na época, minha irmã estava cursando o terceiro ano do ensino médio e, dentro da gincana anual da escola, houve uma prova em homenagem aos Mamonas Assassinas⁹, quando bandas seriam formadas por familiares dos competidores. Inicialmente, fui apresentado à bateria, mas a complexidade do instrumento não me agradou muito.

Também não gostei da opção de ser o *frontman*¹⁰, a possibilidade de ter tantos olhares

⁹ Banda de rock brasileira, que fez imenso sucesso popular nos meados dos anos 90, vendendo milhões de discos. Em 1996, os membros da banda sofreram um acidente de avião fatal.

¹⁰ *Frontman* geralmente é o cantor principal em grupos musicais, centro das atenções e responsável por boa parte das interações com o público.

certamente me causava incômodo, nunca fui conhecido por gostar de tanta atenção. Então, que de certa forma, profeticamente, me foi entregue um instrumento azul e branco, de seis cordas, com o qual eu já tinha certa familiaridade por ter visto tanto na televisão quanto meu irmão tocando. Mais profeticamente ainda, minha irmã havia estilizado meu cabelo como o de Bento Hinoto, guitarrista dos Mamonas Assassinas e o resultado não poderia ser outro: alegre com minhas novas tranças e um instrumento familiar, dei um espetáculo no “palco” e me diverti muito; ou pelo menos é o que minha família diz sobre aquela data e o que a Figura 1 mostra.

Alguns músicos integram minha família. Meu pai tocava bateria até o casamento com minha mãe, um tio foi músico profissional por muitos anos de sua vida e um primo, que hoje domina vários instrumentos e a voz, sempre pedia minha opinião enquanto fazia aulas e aprendia a cantar; e os parentes que não são músicos certamente apreciam muito a arte - ainda sinto um leve terror ao ouvir as músicas que minha mãe ouvia alto aos finais de semana enquanto limpava a casa e interrompia o meu sono.

Alguns anos depois, fui apresentado ao gênero musical do Metal pela minha irmã, quando ouvi seu telefone celular tocando Ratamahatta, do Sepultura, como toque monofônico num início de tarde entre meus 8 ou 9 anos. Rapidamente perguntei que música era aquela que me deixou com vontade de balançar minha cabeça e pular; passados alguns minutos, estávamos eu e ela ouvindo as bandas Korn, Marilyn Manson e Rammstein no seu *Walkman*¹¹.

Mesmo um tanto cedo, foi no Metal que encontrei oportunidades de identificação; primeiramente com a agressividade das melodias e roupagens “diferentes”. Considerando minha pouca idade, estas eram as únicas coisas que eu entendia e sentia essa tal identificação, de certo modo já dando indícios do que me esperava futuramente; bem como conflitos pessoais que, embora internalizados, se fariam manifestos em alguns anos. Na época, quem me apresentava músicas e videoclipes era minha irmã e seu então namorado, bem como me expunham a CDs, pôsteres, gravações de shows e outros amigos *headbangers* seus que, em virtude de eu ser o irmão mais novo, curioso e um tanto intrometido, acabavam desenvolvendo uma certa amizade comigo também. Embora bem novo na época e atualmente tendo conhecido os mais diversos gêneros musicais, as músicas que minha irmã ouvia naquela ocasião ainda são algumas das minhas favoritas. Mal sabia eu que minha estreia nos palcos se daria mais ou menos uma década

¹¹ Walkman é uma série de leitores de áudio portáteis da Sony que utilizavam fitas cassete e, posteriormente, CD.

depois, no festival Nossas Expressões, organizado pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Maria e ilustrado na Figura 2.

link:

<https://drive.google.com/file/d/1LufyADZxI8p8wobnbiLnP0Q98gWj-Kmt/view?usp=sharing>



Figura 2 - Identificando(me): Barulho, berros e boa música

Autoria da foto: Vanderlene Rolim Dutra

Aproximadamente aos meus 11 anos, as identificações com o gênero musical se fortaleceram; comecei a estudar e entender a língua inglesa e as mesmas músicas que outrora eram apenas melodias divertidas, se tornaram instrumentos para aprendizado de uma língua estrangeira e uma possibilidade de entendimento dos conflitos que eu estava enfrentando, fossem eles sobre sexualidade, família, amigos, a sociedade, entre outras questões.

Link:

<https://drive.google.com/file/d/1YVnU3TCqVO-xsmP0WbeIwDWw5S-hlZ9J/view?usp=sharing>



Figura 3 – Socializando(me): Lidando com a adolescência

Autoria da foto: Eronildes Terezinha Rolim Mossate

Foi aos 14 anos que eu e meus melhores amigos decidimos aprender a tocar instrumentos musicais, passando a dedicar boa parte do nosso tempo livre à prática musical, como capturado na Figura 3. Compartilhando de quase as mesmas bandas como referência, inicialmente, eu decidi aprender a tocar contrabaixo elétrico, pois dois dos meus amigos já haviam decidido iniciar pelas guitarras; mas por não conhecer pessoalmente nenhum baixista, consegui apenas uma guitarra emprestada e desde então esta tem sido meu instrumento principal.



Figura 4 - Feminismo: Estranhamentos do mundo

Autoria da foto: Andressa Mossate Pereira

Além disso, outro aspecto instrumental da música entrou no meu campo de saber. Ainda que a foto acima ilustre a primeira vez em que me coloquei de fato no lugar de uma figura “feminina” para interpretar seu ponto de vista (neste caso, a Malévola, do conto A Bela Adormecida), meu contato com o feminismo começou um tanto quanto simultaneamente com a graduação, quando tive a oportunidade de conhecer pessoas com pensamentos, desejos, crenças e histórias de vidas (bastante) distintas das que eu estava acostumado após ser educado num Colégio Militar.

Na metade do caminho da graduação, entrei em um relacionamento e foi aí que tive meu primeiro contato empático com uma mulher que, como incontáveis outras, cresceu imersa em uma cultura que supervaloriza o homem, delega papéis específicos para cada gênero e menospreza a mulher e seu sofrimento. Juntos, nós questionávamos os comportamentos homofóbicos, misóginos e racistas que víamos entre outros apreciadores do Metal e foi aí que

uma fagulha de estranhamento acendeu em minha mente.

As histórias se repetiam - vários jovens que sofriam por crescerem em ambientes sexistas, por se verem obrigados a se comportar de determinadas formas ou que tinham conflitos originados nestas mesmas configurações; nos reuníamos e socializávamos em torno de um gênero musical com o qual nos identificamos e nos sentíamos acolhidos. Entretanto, mesmo com estas semelhanças em nossas histórias, as condições sob as quais muitos de nós cresceram eram reproduzidas mesmo dentro deste novo grupo.

2. HEAVY METAL

O Heavy Metal, também conhecido como Metal, é uma das vertentes do rock (CAVALHEIRO, MORAES, 2018). Não existe um momento específico para o surgimento do Heavy Metal, no entanto há um consenso quanto aos seus principais e mais antigos expoentes que, em comum, despontavam no cenário musical em meados de 1969. Entre seus motivadores estavam uma das mais cruéis guerras já travadas, a Guerra do Vietnã, que a cada dia aumentava o número de vítimas, e o sofrimento das Américas com as consequências dos dias mais austeros da Guerra Fria. A seguir, um trecho de 2 Minutes to Midnight, música da banda inglesa Iron Maiden que fala sobre as testagens de bombas de hidrogênio pelos Estados Unidos e União Soviética, também relacionando-se com o Relógio do Juízo Final¹²:

The body bags and little rags
 Of children torn in two
 And the jellied brains of those who remain
 To put the finger right on you
 As the mad men play on words
 And make us all dance to their song
 To the tune of starving millions
 To make a better kind of gun
 (Iron Maiden, 2 Minutes to Midnight, 1984)

Diante desse cenário, emergiu a contracultura hippie, ativistas da não-violência, que buscavam promover novas relações sociais, culturais e políticas, com seu apogeu marcado pelo histórico festival de Woodstock (BIAGI, 2017). O referido festival teve apresentações de bandas de rock, *folk* e rock psicodélico, dentre outras atrações artísticas.

¹² O Relógio do Juízo Final (em inglês: *Doomsday Clock*) é um relógio simbólico mantido desde 1947 pelo comitê de diretores do *Bulletin of the Atomic Scientists* da Universidade de Chicago

Também nesse período, uma minoria, que se sentia impotente frente a situação de guerras, que não se encaixava no movimento hippie, se identificou com a possibilidade de externalizar os seus sentimentos agressivos através de uma música também agressiva, onde, ainda que momentaneamente, o empoderamento se fazia sentir pelos fãs. Foi, portanto, imersas no caos político e social que bandas como Black Sabbath, Deep Purple e Led Zeppelin consolidaram sua fama, produzindo uma música poderosa, agressiva e crítica, contemplando uma gama de pessoas.

Politicians hide themselves away

They only started the war

Why should they go out to fight?

They leave that role to the poor, yeah

(Black Sabbath, War Pigs, 1970)

2.1. Materialidade: baterias, guitarras, trechos e tarecos

Link:

https://drive.google.com/file/d/1WvsUyDSO7jbupPIhj_f8dOAuQVtrn9iH/view?usp=sharing



Figura 5 - Materialidade: Instrumentos do meu desenvolvimento

Autoria própria

Assim como acontece com outros estudiosos e praticantes das Artes, os músicos têm uma relação especial com seus instrumentos. Estes são mais do que ferramentas que permitem a criação ou modificação de outros objetos voltadas a uma finalidade específica. O pincel de um pintor, por exemplo, o ajuda a criar mundos e cenas elaborados em sua imaginação; a caneta do escritor tece linhas pelas quais o leitor empatiza com protagonistas e antagonistas; os sons do músico transportam o ouvinte a locais onde sensações e sentimentos confundem-se para criar experiências sensoriais distintas.

Quando comecei a tocar violão, mais ou menos aos catorze anos de idade, o violão não passava de um brinquedo caro. Eu me divertia por algumas horas enquanto reproduzia rudimentarmente algumas músicas do meu gosto e, por meses, nossa relação era apenas esta. Com o passar do tempo, com um repertório maior e mais agilidade nos dedos, a vontade de tocar outros estilos e mais fielmente às gravações originais me fez buscar outras pessoas que também gostassem do que eu fazia, e logo estávamos alugando um estúdio por uma hora para que

pudéssemos ouvir como uma banda, em sincronia, soava de verdade. Apesar do entusiasmo, meus dedos ainda não reproduziam o que eu ouvia na minha mente, era claro que eu precisaria de algumas aulas para dominar o instrumento.

Venho de uma família de ferroviários, meu pai aposentou-se aproximadamente quando eu tinha 5 anos. Antes do meu nascimento, minha irmã fez aulas de teclado e até ajudou na musicalização de crianças, coisas possíveis graças ao desenvolvimento que a ferrovia havia proporcionado à cidade de Santa Maria - RS. Após sua privatização, as coisas mudaram, as aposentadorias diminuíram e eu não tive as mesmas oportunidades, musicalmente falando. Meus primeiros dois instrumentos ambos tinham facilmente mais de 20 anos de uso; o violão era uma relíquia de quando uma madrinha era adolescente e a guitarra era outra relíquia, já não mais fabricada, que um tio músico havia me emprestado até que eu aprendesse a tocar. Meu primeiro amplificador foi uma caixa acústica (não possuía opção de distorção para guitarras) montada por meu irmão durante seu período estudando no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem), em evidência na figura 5 acima.

Por muitos anos busquei aulas de música por preço acessível ou gratuitas, sem muito sucesso. No Colégio Militar, tive meu primeiro contato com partituras e a parte mais clássica da música, mas também sem aulas propriamente ditas, apenas com livros instrucionais e gosto pelo instrumento.

Ainda hoje não tenho muito conhecimento da teoria musical e tenho dificuldades para compor, não me considero um músico, mas tenho um enorme apreço pela música no geral e pelos instrumentos que por anos me ajudaram a superar momentos difíceis e a marcar na memória momentos agradáveis.

Todavia, a experiência musical não é marcada apenas pelos instrumentos em si; outros objetos também compõem minha história, pois objetos expressam afetos, sensibilidades, vida. Dentre os objetos que me constituem, saliento dois chaveiros, em formato de guitarra e uma “carta” escrita para meu aniversário. O primeiro chaveiro, na figura 6, que considero meu “principal” chaveiro, foi feito pela minha mãe em 2018 e tem o mesmo esquema de cores das minhas guitarras.



Figura 6 - Chaveiro-Guitarra 1

O segundo chaveiro, na figura 7, presenteado por uma namorada ainda no início da graduação, fica sempre preso ao meu estojo e me acompanha em todos os locais onde uma caneta ou lápis se façam necessários.



Figura 7 – Chaveiro-Guitarra 2

Na manhã do meu aniversário, em 8 de março de 2009, fui surpreendido com várias folhas presas no formato de carta em metro, com várias mensagens afetuosas dos meus colegas de escola. Em uma das folhas estava este desenho que representava eu tocando guitarra.

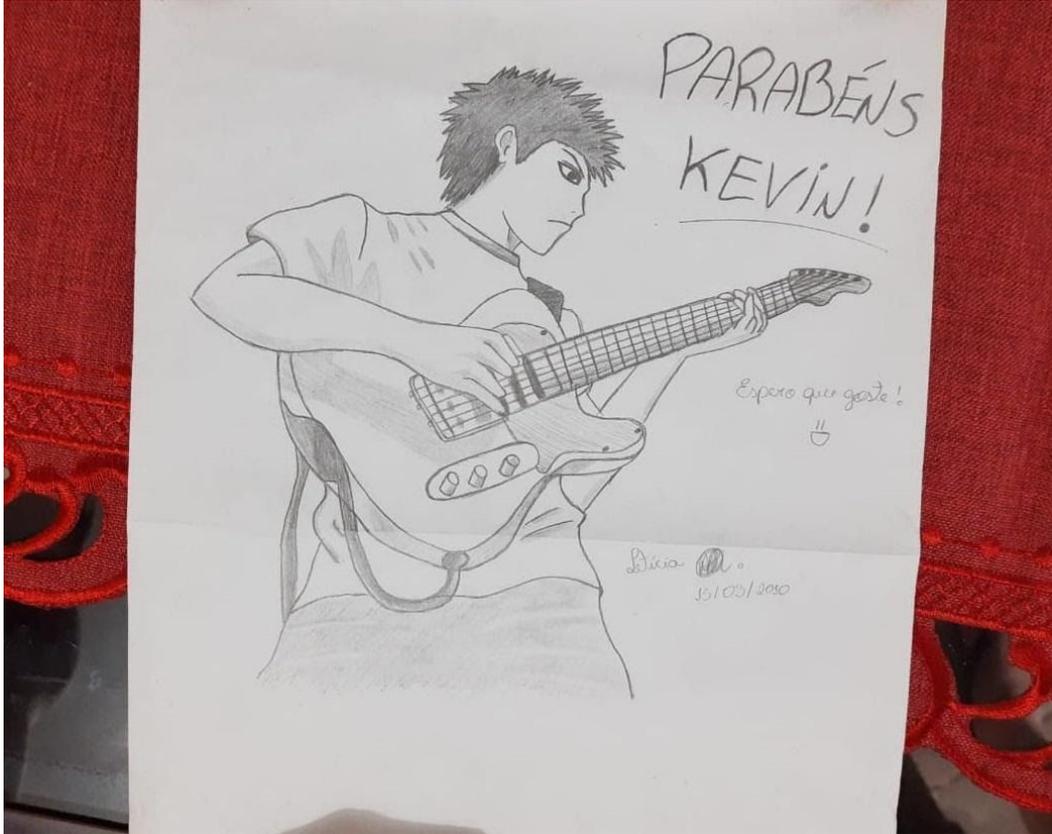


Figura 8 – “Carta” de Aniversário

Independente da forma e função específica, os utensílios utilizados pelos artistas têm em comum uma característica importante – abrem uma porta de interação que permite que o artista modifique o mundo e também seja modificado por ele. O artista cria peças de acordo com sua visão do mundo, e em contrapartida, a reação do mundo à peça modifica aspectos do artista. Um escritor que subitamente vê sua obra se tornar “subversiva” não somente é modificado pela opinião do outro sobre a sua produção, como pode até ver-se convocado a modificar seu local de residência para sua própria segurança, o que acarretaria mais modificações a este sujeito e assim por diante. Em situações menos profissionais, é comum vermos pessoas cercando-se de identificações com suas coisas amadas (sejam artes, animais, objetos, pessoas ou memórias), não somente por sentirem uma certa identificação, mas também pela confirmação dessa identificação que outras pessoas lhe proporcionam.

Todavia, não são os objetos em si que nos mudam, nem nós que mudamos os objetos. Miller (1954), antropólogo britânico, traz que a mudança se dá na relação dos objetos, mais

especificamente na nossa relação com o objeto. É nesse jogo platônico de representação de ideias sobre objetos que construímos nossa identidade e nossa sociedade. Sem dúvidas uma grande influência no meu apreço atual pela música foi minha infância cercada por uma família que gosta de ouvir música alta, cantar e tocar instrumentos; minha irmã tocava teclado, meu irmão tocava violão, meu pai tocou bateria e tive um tio que, além de advogado, foi músico profissional. Estas experiências moldaram minha relação com a música, com os objetos relacionados à música e com a prática musical. Como apontado por Miller, “Antes de realizarmos coisas, nós mesmos crescemos e amadurecemos à luz de coisas que nos foram transmitidas pelas gerações anteriores. [...] Eles dirigem inconscientemente nossos passos, assim como o ambiente cultural ao qual nos adaptamos” (MILLER, 2013, p. 83).

4. ADOLESCÊNCIA E SOCIABILIDADES

Foi aos meus 12 anos que mudei da escola onde cursei o início do meu ensino fundamental e tive meus primeiros amigos para a escola onde eu passaria o resto dos meus anos, até ingressar no ensino superior. Coincidentemente ou não, a mudança aconteceu exatamente no período comumente apontado por instituições, cientistas e profissionais como o início da adolescência.

A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde, situa-se entre os 10 e 19 anos de idade (World Health Organization – WHO, 2013); já na lei brasileira, a adolescência é entendida como o período dos 12 aos 18 anos de idade, ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente seja aplicável até os 21 anos de idade (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei n.º 8.069, de 13/7/1990). Já no que diz respeito às teorias da Psicologia sobre a adolescência, Stanley Hall é largamente considerado o pioneiro, tendo introduzido a noção de adolescência e seus conflitos relacionados à emergência da sexualidade em sua obra “Adolescence”, de 1904; bem como defendendo a importância de estudos e políticas que contemplem essa faixa etária. Desde então, outros teóricos contribuíram para o que hoje entendemos sobre esta fase, como Erik Erikson (1976) e seu conceito de *moratória psicossocial*, que estabelece a adolescência como um período de experimentação de diferentes possibilidades de identificação, num esforço para desvincular-se da identidade infantil e adquirir/construir uma nova. Mais tarde, a psicanalista argentina Arminda Aberastury (1981) traz as ideias do luto e a necessidade de uma rede de apoio para a elaboração saudável deste luto pelo corpo, relações e identidade infantil que são vividos a duras penas pelos adolescentes:

A perda que o adolescente deve aceitar ao fazer o luto pelo corpo é dupla: a de seu corpo de criança, quando os caracteres sexuais secundários colocam-no ante a evidência de seu novo status e o aparecimento da menstruação na moça e do sêmen no rapaz, que lhe impõem o testemunho da definição sexual e do papel que terão de assumir, não só na união como parceiro, mas também na procriação. Isto exige o abandono da fantasia do duplo sexo, implícita em todo o ser humano como consequência da sua bissexualidade básica. (p. 64)

É na *sociabilidade* que os adolescentes encontram refúgio para boa parte dos seus conflitos de ordem sexual, afetiva e social. Ao ver-se distante dos pais e impossibilitado de

movimentar-se no sentido de retornar à posição infantil de outrora, a interação com outros que passam por percalços semelhantes acaba sendo uma das principais fontes de identificação disponíveis ao jovem que, desprovido da identidade infantil e sem preparo para o mundo adulto, se vê numa encruzilhada de possíveis caminhos e possibilidades. O conceito de sociabilidade vem das obras do sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), e consiste na interação entre sujeitos, livre de quaisquer desigualdades, pelo prazer de socializar. A capacidade (e necessidade) de cada um de desprendermo-nos das amarras sociais, das condições de riqueza ou pobreza, das posições sociais e relações de poder para aproveitarmos a companhia uns dos outros e rir, chorar e brincar juntos é o que concretiza a vivência e experiência compartilhada. Em suas palavras, “[...] um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade” (SIMMEL, 2006, p. 64).

Assim, socializando e transitando entre os mais variados grupos, experimentando possíveis identificações em variadas áreas e com diferentes pessoas, a pessoa que experimenta o adolescer vai aos poucos redescobrando o mundo sem o olhar limitador e protetivo dos pais ou cuidadores, internalizando facetas do que virá a compor suas identidades.

Ainda que existam teorias divergentes sobre a origem dos tumultos nesse processo, é comum entender que adolescer é uma experiência tumultuosa pelos mais variados motivos, e que a resolução destes tumultos e conflitos desaguaria no amadurecimento e num lugar de adultez; mas, na perspectiva de uma psicologia social crítica, os tumultos experimentados não necessariamente terminam com a chegada da maioridade. Mudanças hormonais e físicas ainda acontecem, mudanças de moradia, de trabalho, de amigos e em relacionamentos amorosos permeiam a vida toda, tanto ou até mais do que antes; e a importância da socialização e das condições econômicas na resolução destes conflitos e mudanças também se mantém de grande importância; especialmente quando não há mais espaços e tempo para tal e a possibilidade de perda de contato com amigos, colegas e semelhantes se faz concreta.

Conforme apontado por Guattari & Rolnik e referido em Berni e Roso (2014), a importância de críticas a teorias enrijecedoras da experiência humana, como as feitas pela Psicologia Social Crítica, se dá à medida que concepções naturalistas e universais sobre a adolescência podem ser apropriadas por agentes que não tenham interesse em reconhecer o “adolescente” como capaz de viver a “experiência de um grupo sujeito”. Este tipo de naturalização homogeneiza a experiência de toda uma quantidade de sujeitos e, portanto, apaga

as nuances da experiência individual, limitando o olhar que recai nessas experiências a uma visão em acordo com ideias institucionalizadas não só sobre quem está a adolecer, mas também sobre potencialmente qualquer período de uma história de vida.

Diante disso, fica evidente a preposição de que a adolescência diz respeito a uma construção social, histórica e cultural, que foi fabricada e institucionalizada a partir de interesses da sociedade moderna industrial e, desde então, passou a ser reforçada pelo universo reificado de especialistas interessados na adolescência e retrabalhada pelo universo consensual. (BERNI e ROSO, 2017)

Apesar de me encontrar em uma idade dentro das definições clássicas de adolescência, meu corpo, minha vida e minha identidade estão em constante mudança. Mudei ao me identificar com o Heavy Metal e ao passar a estudar numa escola militar. Houve mudanças quando tive meu primeiro namoro e também a cada namoro subsequente. Fui mudando conforme fui adquirindo conhecimento, travando batalhas e também ao redigir este trabalho. Sou um enquanto estudante e certamente, em alguns aspectos, serei outro ao me tornar psicólogo.

5. SOBRE O(S) FEMINISMO(S): ESTRANHAMENTOS DE UM MÚSICO? HOMEM? ESTUDANTE?

Nesta parte, abordaremos alguns aspectos referentes ao movimento feminista, o gênero musical Heavy Metal e suas influências sobre “ser homem” e estar cursando psicologia. Para isso, vamos apresentar brevemente as ondas do feminismo, assinalando seus propósitos.

O uso de feminismos, ao contrário de feminismo, pode parecer irrelevante a olhos mais leigos, mas o uso deste plural é importante ao falarmos da trajetória dos movimentos feministas ao longo da história. Mesmo que o crédito pela concepção do movimento seja dado a mulheres brancas e burguesas, ao longo da história, foram várias mulheres em diferentes situações financeiras e sociais que integraram movimentos feministas com reivindicações diversas. Deste modo, pode ser dito que “a força desses movimentos não tem resultado apenas da precisão de noções e conceitos germinados em estudos acadêmicos, mas da consonância que guardam com aspirações femininas difusas e com um certo grau de consciência de gênero em diversos lugares e épocas.” (COSTA, 2004).

O movimento feminista pode ser considerado em três ondas¹³, embora alguns autores já considerem uma quarta onda. A primeira onda, durante século XIX e início do século XX buscou, através de encontros escondidos e grande organização, romper com as normas de dominação dos homens sobre as mulheres dentro e fora da esfera da vida privada; e a inclusão da mulher na vida político-pública, com deveres e direitos iguais aos dos homens, como o sufrágio (ALVES e PITANGUY, 1981).

A segunda onda é resultado das lutas da primeira onda somadas a novos objetivos, ocorrendo durante a década de 60 até a década de 80 e se constituindo de três movimentos distintos:

O feminismo igualitário, que defendeu o fim da hierarquização sexual do trabalho e igualdade plena para todas as mulheres. Com alvos no acesso precário da mulher ao mercado de trabalho e sua conseqüente discrepância de poder em relação aos homens, o feminismo igualitário almejou modificar a relação das esferas sócio-educacionais com as mulheres,

¹³ Autoras feministas negras contestam essa compartimentalização do feminismo em ondas, pois consideram que essa divisão remete ao feminismo de classe média, branco (c.f., RIBEIRO, 2017).

possibilitando um maior acesso a novos locais e posições de poder (DESCARRIES, 2000).

Suas reivindicações foram seguidas pelo feminismo radical, que com suas miras no que seria a raiz do problema (o patriarcado institucionalizado), se opunha veementemente a determinismos biológicos, como a maternidade. Esta, por sua relação biológica com a mulher, é aceita como seu destino final; sendo a vida privada o berço da dominação patriarcal e o trabalho doméstico uma das suas mais evidentes manifestações e formas de manutenção do poder.

No terceiro movimento de segunda onda, o chamado feminismo de feminitude procurou restabelecer a conexão entre o feminino, maternidade e outros aspectos considerados inerentemente como *das mulheres*. Em contraponto ao feminismo radical, buscou-se a reaproximação com o que poderia ser entendido como feminino, seja biologicamente, como a maternidade, ou socialmente, como valores morais entendidos por alguns como femininos (escuta ao outro, afabilidade, generosidade, carinho, ...) (DESCARRIES, 2000).

A terceira onda emerge em contraponto às ondas anteriores, que representavam apenas recortes de classe e raça do que são as mulheres em sua totalidade. Com a filósofa e feminista Judith Butler como uma das suas principais pensadoras e questionando as definições de gênero, feminilidade e masculinidade, a terceira onda denunciou o padrão binário, heteronormativo e cisgênero que permeia a sociedade moderna. Com a emergência de novas pautas, novos direitos foram pouco a pouco conquistados, como o casamento de pessoas do mesmo sexo e inclusão do nome social em documentos oficiais de identificação, conforme a resolução Nº 270 de 11/12/2018 do Conselho Nacional de Justiça¹⁴. Esta onda permitiu a entrada de discussões como sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual na sociedade como um todo, assim alcançando sua ideia inicial de representar os vários outros sujeitos que até então não haviam sido contemplados no discurso feminista (ROCHA; VERONESE, 2017).

Por fim, uma quarta onda do feminismo, mais recente e ainda em curso, atrelada ao uso das redes sociais, o ativismo amplamente digital, aprofundamento de discussões sobre identidade e corpo, visibilidade das mulheres trans, gordofobia, violências (estupros coletivos, assédio em transportes), entre outras questões (ROCHA; VERONESE, 2017).

Foi entre as terceira e quarta ondas que situo minha introdução aos Estudos Feministas, com influência inicial de estudos acadêmicos sobre gênero, mas concomitantemente em contato com feminismos por meio de postagens em redes sociais. Se por um lado as tendências

¹⁴ <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2779> Acesso em 19 Jan, 2021

conservadoras da minha família possam ter me privado de ter mais prematuramente um contato formal com feminismo, por outro, a evidência colocada no não-binarismo pela terceira onda e a abundância de informações inerentes à quarta onda certamente afrouxaram estas raízes conservadoras que habitavam em mim.

O movimento feminista atravessou décadas em busca de equidade de gênero, acrescentando novas pautas e conquistando direitos para as mulheres. Entretanto, que lugar os homens ocupam no feminismo? Por isto, o próximo tópico será destinado ao “ser homem” e “ser homem pró-feminismo”.

5.1 Homem pró-feminismo

Este tópico tem como objetivo refletir a respeito do “ser homem”, em especial, a “ser homem pró-feminismo”, contemplando as relações de gênero e masculinidades.

Na maior parte das vezes, o homem é o alçó nas relações de poder entre os sexos. Os homens desfrutam de privilégios em todas as camadas sociais e espaços públicos, em comparação com as mulheres. Fatores ainda existentes que corroboram essa afirmativa são que homens ainda recebem salários maiores¹⁵ e a taxa crescente de homicídios motivados por gênero, os feminicídios¹⁶. Até mesmo algumas mulheres acabam internalizando as regras destas relações e participam deste jogo perverso de dominação, ajudando a perpetuar essa relação de dominação em troca de certas liberdades, dominação sobre outras mulheres e uma oportunidade de identificação e senso de autoestima. Entretanto, estes homens e mulheres não notam que o preço pela manutenção dessas relações é altíssimo e respinga não só na vida e psiquê daqueles imediatamente afetados como também em suas outras relações interpessoais com parentes, amigos, colegas e até mesmo desconhecidos (KAUFMAN, 1994).

Como denotado por Michael Kaufman (1994), vivemos numa sociedade onde o poder de cada sujeito não vem de uma capacidade inata de mudar e melhorar aquilo que está ruim, mas da

15

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-03/apos-7-anos-em-queda-diferenca-salarial-de-homens-e-mulheres> Acesso em 7 Jan, 2021

16

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/#brasil-e-o-5o-no-ranking-de-homicidios-de-mulheres> Acesso em 7 Jan, 2021

capacidade e prática da dominação e controle sobre outros. A natureza injusta desse tipo de relação acaba se espalhando aos outros aspectos da vida do homem, tornando não só todas suas relações em relações de dominação e controle, como induzindo o sujeito a controlar e dominar suas próprias emoções. Entretanto, por sua natureza, as emoções não podem ser controladas, restando ao sujeito apenas a supressão como rota de fuga. Isso resulta numa sociedade de homens psicologicamente isolados uns dos outros, das mulheres e de si mesmos.

Este círculo vicioso perpetua o patriarcado, criando homens que acreditam num modelo de masculinidade isolacionista e rígido, internalizado desde a infância por figuras paternas distantes, amigos que não se abrem nem dão apoio afetivo e os constantes reforços a este comportamento mostrados em filmes, comerciais e música. Pelo que observo desde minha infância, na minha família e em outros ambientes, não há diálogo ou união entre homens. O que existe é uma competitividade implícita, um cabo de guerra pelo posto de “macho alfa” que parece se desvencilhar pelas entrelinhas da vida cotidiana em declarações sobre o trabalho; sobre quem vai assar a carne do churrasco (e, portanto, assumir um posto hierárquico comparável a um *chef*, que controla a cozinha, seus assistentes, como e quando outros terão acesso ao alimento); sobre quem paga mais contas, mesmo quando estas são divididas com suas parceiras, etc. Quando alguma união se apresenta, esta vem quando subsidiada a uma competição maior, como jogos de futebol, partidos políticos, religiões, guerras ou para não perderem as vantagens do patriarcado.

Ainda cedo se deu início a minha moldagem aos parâmetros de “homem”, quando antes mesmo dos meus 5 anos de idade parentes e vizinhos pediam para que eu flexionasse o bíceps, para então rirem e compararem com minha vizinha que, apesar da mesma idade e de ser *mulher*, tinha braços mais grossos. Essas chacotas permaneceram até pelo menos meus 14 anos de idade, já que meu paladar infantil era considerado “cheio de manias”. Assim, as comparações e outras formas de lembrar que eu não tinha um físico “de homem” persistiram ao longo dos anos.

Ao longo deste período, minhas relações se configuraram de forma que eu me sentia mais à vontade com mulheres, visto que a este tempo eu e as outras *crianças-homem* do meu círculo de convivência já havíamos inconscientemente aprendido como as relações entre homens deveriam se configurar e eu acabava por ficar sempre no lado de menor poder. Isto não significa que nos churrascos de domingo meu tempo sentado junto das mulheres era livre de problemas; ainda existiam algumas barreiras como “coisas de mulher” ou “coisas de adulto” (esta última

raramente tinha a ver com práticas sexuais ou assuntos inapropriados para crianças, mas sim assuntos que os adultos não queriam ou não sabiam como explicar para uma criança).

5.2 Feminismo e Heavy Metal

Historicamente, os movimentos sociais e musicais pertencentes à *cultura underground*¹⁷ são alvos de críticas da grande mídia, e com o Metal não é diferente. Apologia ao satanismo, normalização do uso de drogas, comportamentos destrutivos e incentivo à violência são estereótipos corriqueiros nos discursos conservadores que circulam nos veículos de notícias tanto virtuais quanto físicos. Entretanto, existe um distanciamento entre os autores de tais discursos conservadores e a realidade enfrentada tanto pelos integrantes dos movimentos musicais quanto, por exemplo, pelas mulheres que eram rechaçadas pela sociedade patriarcal ao buscar direitos e oportunidades iguais.

Diante de tal cenário e também considerando-me um homem pró-feminista, ao mesmo tempo que integrante da tribo do Metal, penso ser importante não só tentar diminuir o distanciamento entre os discursos críticos aos movimentos de contracultura e a realidade vista (e vivida) dentro do movimento, como também estabelecer um diálogo entre teorias de gênero e o Metal, a partir da minha vivência como um jovem que foi criado e circulou em diversos ambientes machistas, mas nunca se sentiu parte deles. Este último se deve a características do Metal que se fazem presentes desde sua concepção, mas exacerbadas com sua chegada às américas e à mídia global.

Bandas como Black Sabbath, Deep Purple e Led Zeppelin integraram o chamado “New Wave of British Heavy Metal” (NWOBHM), movimento musical britânico na década de 70 que, em plena recessão, foi abraçado pela classe trabalhadora pois oferecia um mundo simbólico livre da exploração trabalhista e crises financeiras enfrentadas na época. Embora ainda fosse possível notar a óbvia influência hippie na música e nas roupas da banda, já era possível observar uma grande exaltação pela masculinidade, bem como uma homofobia maquiada (WALSER, 1993, p

¹⁷ Cultura underground aqui se refere à cultura que não está na grande mídia; é todo movimento que vai contra o que é considerado “padrão” na sociedade vigente.

130).

Além do que foi trazido pela NWOBHM, de acordo com Walser, citado em Garcia (2003), o Metal incorporou elementos que refletiam o contexto dos seus ouvintes da época - jovens e, em sua grande maioria, homens. As letras, músicas e imagens utilizadas no gênero deram origem a um mundo imaginário que, se por um lado oferecia acolhimento aos anseios daqueles jovens da época, por outro, argumenta Garcia (2003), distorcia a realidade e aumentava ainda mais as desigualdades entre gêneros. Este imaginário criado pelas músicas tinha características como a hipermasculinidade, misoginia e androginia.

A hipermasculinidade se fazia manifesta em videoclipes, fotos e shows onde características ditas masculinas ficavam em clara evidência, como homens musculosos em situações de poder uns sobre os outros ou sobre mulheres e a adoração à virilidade. A misoginia se fazia presente desde as situações de desigualdade de poder supracitadas, até claras demonstrações de violência contra mulheres, sejam em imagens ou letras. Já a androginia é representada principalmente pelo chamado Glam ou Hair Metal, com bandas utilizando vestimentas costumeiramente associadas ao feminino, como meia arrastão, saltos, maquiagens chamativas e cabelos exuberantes (Garcia, 2003).

Para aqueles que não se encaixam nos padrões de masculinidade aceitos pela cena, restam poucas opções. De acordo com Herz e Nordstrom (2013), o Heavy Metal se caracteriza como um espaço branco e masculino, fato que relega um *status* marginal aos que fogem à norma. Não obstante, o espaço se mostra cisgênero à medida em que, salvas as poucas circunstâncias onde a manifestação de traços e comportamentos “femininos” são aceitos, reprime toda outra forma de performance que não seja entendida como masculina, especialmente entre os homens; quando uma mulher é quem toma ações semelhantes àquelas dos homens, suas ações são estereotipadas como *masculinas* e, muitas vezes, nem são reconhecidas. Em sua pesquisa, Heesch (2019) aponta que mulheres estão ativas neste gênero musical desde sua concepção, neste caso especificamente na prática alegadamente masculina de cantar distorcendo a voz ao ponto de quase perda total de timbre, conhecido como *growling*, *screaming*, ou *gutural*. Heesch cita a banda alemã Achrostichon, que desde 1989 apresenta linhas vocais distorcidas, embora o ambiente favorecidamente “masculino” leve à crença de que este estilo vocal seja masculino (Heesch, 2019).

Conforme apontado por Doucette (2018) em sua pesquisa, mulheres são vistas como

forasteiras no Metal e já iniciam sua vivência na cena tendo que provar que sabem do que estão falando e onde estão se inserindo, mas mesmo que municiadas de conhecimento a respeito do Metal, suas existências neste ambiente são reservadas às margens da plateia (a frente do palco é daqueles que têm condições físicas de manterem-se lá a despeito dos empurrões e movimentações de outros fãs), assim como em todo o resto da cultura do Heavy Metal. Ao mesmo tempo em que os homens detêm o protagonismo deste ambiente, as mulheres, enquanto fora desta unidade assumida como masculina, vêem-se sexualizadas de diversas formas: submetidas a um estereótipo que as caracteriza como sexualmente promíscuas e em situações de abuso de álcool e outras drogas, atreladas a uma figura masculina (ou seja, parceiras/troféus de algum homem) ou sexualizadas para promover mercadorias de bandas ou grifes (Doucette, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de cultura sem falar de gênero é uma tarefa que exigiria grande flexibilidade e até arrogância por parte do orador, especialmente se pensarmos em como esta é uma das primeiras identificações que nos é ofertada, por muitas vezes com grandes festas, antes mesmo de nascermos. Semelhantemente, falar de um gênero musical que escancara papéis de gênero em letras e videoclipes possivelmente demandaria uma capacidade oratória ainda maior. Assim, fica clara a importância do diálogo entre e Psicologia Social, Antropologia, Estudos Feministas e Música, tendo em mente que artistas frequentemente representam vários valores de uma sociedade, ou os criticam, através de sua arte. Questionar o que é e como é representado no universo musical, juntamente daquilo que não é representado, e seus porquês, pode elucidar muitas perguntas e ainda trazer outras à tona. Uma dessas questões, não abordadas neste trabalho, remete ao título do mesmo: Qual a relação do Heavy Metal com a cor da pele? Como apreciador do gênero, sei que existem artistas de diversas etnias, mas a imensa maioria do público que se declara *metalhead* ainda é branca.

Entre outras possíveis abordagens para novos estudos dentro do Metal estariam análises dos outros subgêneros, como Power Metal, Death Metal, Thrash Metal, Metal Sinfônico, Metal Progressivo e demais estilos. Ainda, estudos que contemplem outras identificações de gênero também são bem-vindos, especialmente o não-binarismo, que é um fenômeno que, embora já manifestado no Metal, continua com pouca visibilidade e carece de estudos; as mesmas indicações podem ser aplicadas a estudos sobre gênero e música extrema no metal brasileiro.

A construção deste trabalho, com a investigação da trajetória do feminismo, do Heavy Metal e da minha própria trajetória fez emergir vários apontamentos sobre o caminho percorrido. Considero a prática musical uma parcela integral da minha identidade, ao ponto que cursar Psicologia não foi minha primeira opção ao me deparar com a escolha iminente que todos que adolecem (em condições socioeconômicas de entrar e frequentar uma universidade) passa. Entretanto, da mesma forma que não é viável cursar Letras sem estar alfabetizado, não foi viável cursar Música em virtude da minha falta de alfabetização musical. Certamente não sou o primeiro e nem serei o último a passar por situação semelhante, visto que além de um fenômeno brasileiro de “orgulho em não estudar música” relatado por vários jovens aspirantes e criticado

por músicos em redes sociais, a prática musical permanece tão cara quanto sempre foi. Volta e meia me pego imaginando como deve ser tocar num instrumento perfeitamente ajustado, como os de músicos profissionais, ou como deve ser estudar música com professores e ambientes específicos para isso; volta e meia também lembro de quando ouvi de tantas pessoas que estudar música não é uma boa opção pois, como há muito se fala, a arte no Brasil não é valorizada. Ainda, a histórica alta tributação sobre mercadorias torna a aquisição de um instrumento de qualidade um exercício financeiro, visto que mesmo quando montados dentro do território nacional, a maioria dos componentes é de origem exterior. Assim, se não pude percorrer a Música diretamente, consegui trazer a música junto comigo para a Psicologia. Sem ela, talvez, a trajetória acadêmica teria tido outro som.

Se quando iniciei minha pesquisa eu levava comigo algumas identificações como graduando, homem, pró-feminismo, e aspirante a músico, agora encerro este trabalho com algumas identificações fortalecidas e com um horizonte cheio de possíveis novas identificações e, por que não, outras a deixar para trás. Psicólogo, músico, pesquisador, somente a vida pode dizer o que me aguarda; e a vida, parafraseando Warrel Dane, autor da letra de *She Comes in Colors*, “ela gosta de jogos mentais ácidos, dentro de nossas faltas e sem culpa”¹⁸.

¹⁸ Do original: She likes to play acid mind games, within our faults and without blame.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A; KNOBOL, M. Adolescência normal um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BERNI, V. L. & ROSO, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.

BIAGI, O. L. A contracultura e o rock'n'roll: a relação dos movimentos de contestação social e a música jovem dos anos 60 e 70. *Revista Técnico-científica das Faculdades de Atibaia*, 2017.

BLACK SABBATH (MUSICAL GROUP), BUTLER, G., IOMMI, T., OSBOURNE, O. & WARD, B. War Pigs. In: Black Sabbath. Paranoid. Vertigo Records, 1970. Faixa 1.

BROD, H; KAUFMAN, M. *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publications. 1994 p. 142-165

CAVALHEIRO, M; MORAES, T. M. R. O metal, suas especificidades e desdobramentos. Número especial: 10 anos do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, v.7, p. 104-116, 2018.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol.12, n.spe [cited 2021-01-12], pp.23-36. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000300003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1806-9584. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300003>.

DESCARRIES, Francine. *Teorias Feministas: Liberação e Solidariedade no Plural*. Tradução de Tânia Navarro Swain (Universidade de Brasília). Textos de História, vol.8, no 1, 2000.

DOUCETTE, Whitney. *Hypermasculinity in the Heavy Metal Subculture*. Capstone Projects and Master's Theses. 426. 2018

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

IRON MAIDEN. 2 Minutes to Midnight. In: Iron Maiden. Powerslave. EMI Records,

1984. Faixa 2.

MILLER, Daniel. 1954 - Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material, Daniel Miller; tradução: Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Daniel. 2005. Materiality. Durham, N.C: Duke University Press.

NEVERMORE. She Comes in Colors. In: Nevermore. The Obsidian Conspiracy. Seattle: Reservoir Media Music, 2010. Faixa 9.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Djamila Ribeiro. -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, F. de B. M.; VERONESE, M. V. A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital. São Leopoldo, 2017

WALSER, Robert, 1993. *Running with the Devil: Power, Gender and Madness in Heavy Metal Music*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University.